



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 83-99, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a58803

Artigos Livres

A língua é o auxílio no que sonhas: uma reflexão sobre as tonalidades poiético-identitárias de Virgílio de Lemos

Language is a help in what you dream: a reflection
on Virgílio de Lemos' poetical-identitary tones

La lengua es un auxilio en lo que sueñas:
una reflexión sobre los matices poiético-
identitarios de Virgílio de Lemos

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autor correspondente

Idemburgo Pereira Frazão
idfrazao@uol.com.br

Recebido: 18/05/2023

Aceito: 11/06/2023

Como citar:

FRAZÃO, Idemburgo
Pereira. A língua é o
auxílio no que sonhas: uma
reflexão sobre as tonalidades
poiético-identitárias de
Virgílio de Lemos. *Revista
Mulemba*, v. 15, n. 28,
p. 83-99, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2023.
v15n28a58803](https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a58803)

Idemburgo Pereira Frazão

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: idfrazao@uol.com.br

Resumo

A trajetória de alguns poetas e escritores que, geralmente forçados por conjunturas político-opressivas, deixaram seus locais de origem, marca também algumas de suas obras literárias. Esse é o caso do poeta e jornalista moçambicano, radicado na França, Virgílio de Lemos. Mais que francesa, sua identidade biográfica e literária é múltipla, diaspórica, “errante”, para utilizar um termo usado pelo também moçambicano Mia Couto, quando trata de seu conterrâneo. A poética de Virgílio assume tonalidades criativas (portanto, “poiéticas”), centradas em uma intimista base filosófica, que remonta ao Caeiro pessoano, e se abre em um mosaico de timbres inusitados, com certos “toques” que remontam a João Cabral de Melo Neto. Em interpretações sucintas da obra “A Língua é o Exílio do que sonhas”, este artigo apontará para a diversidade harmônica que



as identidades biográficas e poéticas de Virgílio de Lemos navegaram, seguindo uma certa bússola timbrada por Camões e sob uma forte utilização metafórica do corpo feminino como estratégia de refletir e criar sua poética. Partindo de uma rápida reflexão que aproxima as discussões sobre as identidades na contemporaneidade mantidas por autores como Zigmunt Bauman, Stuart Hall, Benedict Anderson e a problemática do lugar estudada pelo geógrafo sino-americano Yi-fu-Tuan, o artigo intenta iluminar, para novos leitores, as trilhas poéticas de um autor que fez de suas viagens (da diáspora), em vários sentidos, uma carta de navegação poético-existencial.

Palavras-Chave

Virgílio de Lemos, “A Língua é o exílio do que sonhas”, identidades, lugar, diáspora.

Abstract

The trajectory of some poets and writers who, generally forced by political-oppressive conjunctures, left their places of origin, also marks some of their literary works. This is the case of the Mozambican poet and journalist, based in France, Virgílio de Lemos. More than French, her biographical and literary identity is multiple, diasporic, “wandering”, to use a term used by fellow Mozambican Mia Couto, when he talks about her countryman. Virgílio’s poetics takes on creative tones (therefore “poietic”), centered on an intimate philosophical basis, which goes back to Caetano de Castro, and opens in a mosaic of unusual timbres, with certain “touches” that go back to João Cabral de Melo Neto. In succinct interpretations of the work “The Language is the Exile of What You Dream”, this article will point to the harmonic diversity that the biographical and poetic identities of Virgílio de Lemos navigated, following a certain compass stamped by Camões and under a strong metaphorical use of the feminine body as a strategy to reflect and create its poetics. Starting from a quick reflection that approaches the discussions about contemporary identities held by authors such as Zigmunt Bauman, Stuart Hall, Benedict Anderson, and the problem of place studied by the Chinese American geographer Yi-fu-Tuan, the article tries to illuminate, for new readers, the poetic trails of an author who made his travels (of the diaspora), in several senses, a poetic-existential navigation chart.

Keywords

Virgílio de Lemos, “Language is the exile of what you dream”, identities, place, diaspora.

Resumen

La trayectoria de algunos poetas y escritores que, generalmente obligados por coyunturas político-opresivas, dejaron sus lugares de origen, marca también algunas de sus obras literarias. Este es el caso del poeta y periodista mozambiqueño, radicado

en Francia, Virgílio de Lemos. Más que francesa, su identidad biográfica y literaria es múltiple, diaspórica, “errante”, para utilizar un término que utiliza la también mozambiqueña Mía Couto, cuando habla de su compatriota. La poética de Virgílio adquiere tonos creativos (por lo tanto, “poiéticos”), centrados en una base filosófica íntima, que se remonta a Caeiro Pessoa, y se abre en un mosaico de timbres insólitos, con ciertos “toques” que se remontan a João Cabral de Melo Neto. En interpretaciones breves de la obra “La lengua es el exilio de lo que sueñas”, este artículo apuntará a la diversidad armónica que navegaron las identidades biográficas y poéticas de Virgílio de Lemos, siguiendo una cierta brújula estampada por Camões y bajo una fuerte carga metafórica del cuerpo femenino como estrategia para reflexionar y crear su poética. A partir de una rápida reflexión acerca de las discusiones sobre las identidades contemporáneas sostenidas por autores como Zigmunt Bauman, Stuart Hall, Benedict Anderson y la problemática del lugar estudiado por el geógrafo chino-estadounidense Yi-fu-Tuan, el artículo intenta iluminar, por nuevos lectores, los senderos poéticos de un autor que hizo de sus viajes (de la diáspora), en varios sentidos, una carta de navegación poético-existencial.

Palabras claves

Virgílio de Lemos, “La lengua es el exilio de lo que sueñas”; identidades, lugar, diáspora.

Introdução

Ao tratar da problemática das identidades e das diversidades, em tempos contemporâneos, nos estudos acadêmicos das humanidades, costuma acontecer-nos à mente, muitas vezes, de maneira mais imediata, estudos como os de Zygmunt Bauman, Stuart Hall e Benedict Anderson, dentre outros. *Identidade* é uma das obras em que Bauman mais se dedica à questão das identidades, apontando como fator fundamental as “negociações” que tal tema demanda. Mais especificamente aponta-se para o fato de que, na contemporaneidade, as identidades são passíveis de negociação, desligando-se do tradicional atrelamento da problemática das identidades a uma identidade padrão, gessada: a identidade nacional. Tal negociação mencionada aponta para a necessidade de que a reflexão sobre a problemática das identidades desate os nós das recorrentes e tradicionais imersões no tema das identidades nacionais. Também Stuart Hall se afasta da noção centrada na expressão identidade nacional, para ampliar o espectro das relações humanas, tratando da questão a partir das identidades na pós-modernidade, trabalhando com um viés também centrado na problemática da diáspora. Benedict Anderson (2005), por sua vez, entende que, mais que algo

definido, as identidades se inserem no que ele entende ser “comunidades imaginadas”, o que demanda, também, um antagonismo no que diz respeito aos que ainda insistem em fechar as discussões identitárias em aspectos que remontam ao período dos Estados Nacionais.

Em termos de estudos literários, a problemática das identidades chamou a atenção dos estudiosos a partir do final do século XX e início do XXI, quando autores como Néstor Canclini, Jesus Barbeiro, Homi K. Bhabha, Edward Said, Milton Santos, dentre outros, criaram estudos discutindo sobre as instâncias da Globalização, do Orientalismo como invenção do Ocidente; da relação entre consumidores e cidadãos, sobre o local e o global, sobre a importância da problemática das mídias nas relações sociais, enfim apontando para a necessidade de se desconstruir visões centradas no nicho das nacionalidades, apontando para a reflexão do que podemos denominar subalternidades sociais, para utilizar um termo trabalhado pela estudiosa indiana Gayatri Spivak.

A influência da Antropologia, da Sociologia, da Geografia, da História, dentre outras, na Literatura, ampliou-se, por terem essas disciplinas reflexões que, embora não imerjam diretamente nas instâncias literárias, servem como base para uma oxigenação interdisciplinar pouco vista anteriormente. Concomitante a essa abertura interdisciplinar, ainda na virada do século XX para o XXI, houve uma incursão em aspectos relacionados à Globalização, estudada, no Brasil, por pensadores importantes como o geógrafo baiano Milton Santos, que, por sua vez, abria espaço para discussões como as da diáspora que tornou o já mencionado jamaicano radicado na Inglaterra, Stuart Hall, conhecido, também, no Brasil.

A errância diaspórica

Muitos poetas e escritores, de maneira direta ou indireta, por suas próprias peculiaridades literárias e trajetória pessoal “errante”, já figuravam entre o que, mais recentemente, pôde-se passar a denominar autores diaspóricos. Tal denominação se relaciona ao fato de que determinados artistas, por suas trajetórias pessoais e ou profissionais, “mexeram no vespeiro” das identidades ou das “errâncias”, para usar um termo utilizado pelo moçambicano Mia Couto, em um momento em que a supremacia das identidades nacionais tornava a carreira irrequieta dos autores “errantes” uma espécie de via pecaminosa, principalmente quando emigram por estarem sob a mira de governos truculentos e/ou de inclinação fascista, como os de Mussolini, na Itália, Hitler, na Alemanha, ou de Salazar, em Portugal.

Intenta-se, de maneira mais ampla, no texto aqui apresentado, refletir sobre a importância precursora da obra do “errante” e insular poeta Virgílio Diogo de Lemos, conhecido como Virgílio de Lemos, no que diz respeito à diáspora moçambicana na literatura. Mais especificamente, estuda-se, a partir da interpretação de alguns

de seus poemas, como a citada errância, no caso da poesia virgiliana, torna-se uma espécie de *lugar* (itinerante) no sentido dado pelo geógrafo Yi-fu-Tuan para esse termo, diferenciando-o de espaço. Mas, antes de aprofundar a investigação sobre a problemática do lugar na obra *Ilha de Moçambique*¹, do poeta moçambicano, torna-se fundamental apontar para o que aqui se denomina “vespeiro das identidades”.

Como exemplo de reflexão sobre a denominação “escritores diaspóricos”, podemos citar um texto extraído do *Jornal Nexo*. Diáspora

[...] é um termo abrangente e ao mesmo tempo estranhamente limitador. Evoca fugas heroicas, travessias fronteiriças perigosas que quase sempre começam em um país periférico e pobre do sul para terminar em um país poderoso e próspero do norte. Mesmo quando as contradições e decepções do local de chegada se revelam, ele segue tendo essa vantagem crucial de ser o destino final – implicitamente “melhor” que o ponto de partida. Esse tipo de literatura diaspórica sempre me gera certo desconforto, por que, ainda que se coloque como progressista, acaba por reforçar estereótipos bastante conservadores: o sul é pobre, o norte rico; o sul é caótico e perigoso, o norte estável; o sul é precário, o norte tem solidez institucional. Nesse registro, identidades nacionais aparecem como unidades concretas e irrefutáveis [...] (Jornal Nexo, 2020).

Ser diaspórico, nas discussões aqui implementadas, não se relaciona à problemática da valorização de um país, ou continente, em detrimento de outro, mas da discussão sobre a problemática do lugar como espaço de amplitude individual, afetiva e psicológica. A questão central, então, se dá no campo da possibilidade de que as identidades não sejam observadas, como tradicionalmente ocorre, gessada, sob os vínculos das vigas das já citadas identidades nacionais, oriundas das questões inerentes aos Estados Nacionais.

Além das negociações às quais Bauman (2005) menciona em obras como *Identidade*, quando se traz para o debate a problemática da experiência na distinção entre espaço e lugar, aponta-se, aqui, para a importância do afeto como elemento distintivo. Assim ocorre no caso das reflexões do presente artigo, relacionadas à poética de Virgílio de Lemos que, por motivos políticos, sai de sua aterra natal, Moçambique. O poeta passa a domiciliar-se na França, mas sempre navegando por outros mares, inclusive do Brasil. A origem e o destino passam a ser levados em conta. Portanto, não a nacionalidade, a origem é definidora de uma identidade. As identidades,

¹ Poemas criados em Moçambique, referentes ao período de 1952/1957, de acordo com Américo Nunes, em “Gênese dos poemas da Ilha de Moçambique”, que prefacia o livro *Ilha de Moçambique: A língua é o exílio do que sonhas*, de Virgílio de Lemos.

desse modo, são estudadas, aqui, pelo seu aspecto multifacetado. A nacionalidade não é o fator definidor. Remetendo-nos às reflexões de Benedict Anderson sobre o nacionalismo, podemos afirmar, lembrando dos conhecidos estudos do respeitado historiador Eric Hobsbawm, que o pensamento do autor de *Comunidades Imaginadas* se assemelha ao de Lília Schwarz:

Mais que inventadas, as nações são “imaginadas”, no sentido de que fazem sentido para a “alma” e constituem objetos de desejos, ao projeções. Benedict Anderson mostra como o nacionalismo, ao contrário do modelo marxista, que privilegia a esfera da “emissão” e entende a política como exercício exclusivo dos mandatários e poderosos, possui uma legitimidade emocional profunda (Schwarz, 2005, p. 9).

Benedict Anderson argumenta que não há “comunidades verdadeiras”. Elas são sempre imaginadas; elas não são legitimadas pelo par opositivo falsidade/autenticidade. Acima de tudo uma nação é “limitada”, conforme também afirma Lília Moritz Schwarz:

[...] longe da definição “essencial” de nação (como se a mesma contivesse elementos estáveis e naturais) [...] Anderson mostrou de que maneira a nação é – dentro de um espírito antropológico – uma comunidade política imaginada; quase uma questão de parentesco ou religião [...] (Schwarz, 2005, p. 11).

Embora a noção de nacionalidade se distancie da problemática da relação entre espaço e lugar, no que diz respeito às perspectivas históricas estudadas por Anderson, o estudo aqui realizado as aproxima propositadamente, para mostrar como a problemática da afetividade, ou do sentimento, influencia, tanto no que Anderson denomina “comunidades imaginadas”, no caso da conceituação de nação, quanto na identificação afetiva de um indivíduo com determinado espaço, a ponto de o distinguir, dotando-o de uma dimensão forte em termos de identidade pessoal. Se a identidade nacional trabalha com instâncias coletivas, é a noção de lugar que estará em jogo, também. Pode-se afirmar, no caso, que uma comunidade imaginada o é, a partir da relação de sentimento de alguém com seu lugar. A nação (comunidade imaginada) é, acima de tudo, um lugar imaginado. E as identidades não necessitam, necessariamente dessa marca geográfica da existência de um lugar propriamente dito. Trata-se de um lugar que pode ser imaginado enquanto tal. Tanto Bauman, quanto Hall e Anderson assinalam a natureza multifacetada das identidades, mesmo que, para Anderson, a matéria central seja a visão da nacionalidade como algo produzido, pensado. Assim, se a nação é um lugar, este é, se não inventado, como quer

Hobsbawm, imaginado, constituído a partir de desejos, intenções (embora comuns em relação a certos grupos que se unem por afinidades diversas).

Topofilia/topofobia e identidade

A noção de lugar para o geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan, como já se antecipou, liga-se, diretamente, à problemática do espaço, sendo este, por sua vez, relacionado a uma liberdade. Portanto, ao pensar em espaço, aponta-se para a ausência de vínculo afetivo ou pessoal do indivíduo em relação a ele. Já, lugar pode ser entendido como um espaço que possui com o sujeito uma afinidade, marcada exatamente pelo afeto. Não se afirma aqui, entretanto, ser o lugar um espaço definitivamente bom, sempre positivo, em termos de conforto, ou mesmo de tranquilidade. As variações da relação de “topofilia” ou “topofobia” podem ser intercambiáveis. Ou seja, o amor ao lugar, na visão do trabalho aqui apresentado, em determinados casos, pode estar ligado ao ódio a esse mesmo lugar, ou a uma crítica que se próxima das duas noções. Os termos “topofilia” e “topofobia” foram cunhados pelo geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan, partindo dessas possíveis relações de um indivíduo com seus espaços e lugares. Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico (Marândola Jr, 2012, p. 19).

A relação de topofilia é marcada pela experiência pessoal. Parte do estudo da percepção humana e de sua relação com os sentidos, tato, audição, olfato, paladar e visão. O subtítulo da obra, “Topofilia”, já assinala o fato de que o geógrafo realiza um “estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (Tuan, 2012). Esse subtítulo resume bem a dimensão dos estudos de Tuan sobre a relação entre os seres humanos e o espaço que os rodeia. Mais especificamente, essa obra imerge nas reflexões sobre os sentidos para que faça emergir a importância da perspectiva da “experiência” nos estudos geográficos. Tal perspectiva está presente no “olhar” de Tuan, quando estuda a relação entre o amor e o ódio a um determinado lugar. A questão da experiência é aprofundada como temática, mais especificamente, em “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (Tuan, 2013) e se relaciona, diretamente, à possibilidade de trabalhar com a diferenciação entre espaço e lugar. O lugar como espaço, cujos vínculos psicológicos fazem com que o indivíduo se relacione com ele como um lar.

Nessa remissão à problemática do lugar e sua relação possível com as discussões sobre as identidades na contemporaneidade, importa ressaltar que serve como embasamento possível para que se percebam instâncias de inclusão e exclusão de indivíduos em seus antigos lugares, em diversos momentos. Se a presente discussão proposta se insere na problemática das identidades, mais ainda diz respeito à relação psicológica, aqui, no caso, de autores que, por razões diversas, mais recorrentemente, políticas, tiveram que deixar seu local de origem. Há escritores que foram e/ou são perseguidos, literalmente, por mexerem com instâncias mais íntimas das identidades,

por estarem “contaminados” pela topofilia, criticando aspectos políticos, culturais, religiosos de acordo com a visão de grupos hegemônicos. Essa última instância citada, a da religião, marcou profundamente, como se sabe, por exemplo, a vida e a carreira de Salman Rushdie.

O escritor britânico, de origem muçulmana indiana, Salman Rushdie, nascido em Bombaim, é um autor que teve obras (como *Versos satânicos*) proibidas em seu país de origem. Ou seja, sair de sua pátria, ou, pior ainda, criticá-la em seu aspecto identitário mais profundo era praticar um crime. Não se tratava de topofobia, mas de topofilia. A crítica a determinados aspectos da religião de seu lugar o atingiu profundamente, a ponto de necessitar esconder-se para não ser assassinado. Partindo dessa assertiva, podemos afirmar que tivemos um surto de poetas e escritores que foram, de alguma maneira, considerados criminosos “topofílicos” fantásticos, por transitarem em línguas, costumes, culturas diferentes, mesmo amando seu “locus” de origem. Muitos desses artistas não retornaram ao seu local de nascimento. Erigiram como lugar, no sentido dado pelo geógrafo sino-americano, também um autor diaspórico, que entende ser o lugar diferente de espaço, pois o primeiro prevê uma relação psicológica com um determinado espaço, enquanto o seguinte, não.

No âmbito das literaturas de língua portuguesa, o caso do moçambicano Virgílio de Lemos, domiciliado em Paris, em grande parte de sua existência, nos traz aspectos peculiares e não menos diaspóricos, no que diz respeito aos acontecimentos políticos do século XX. Perseguido pela polícia política de Moçambique (PIDE), que ainda estava sob o domínio português, o nativo da Ilha de Ibo, partiu para o exílio levando na bagagem um forte teor de utopia, que marcaria seus escritos com uma fragrância própria das terras, principalmente ilhas, moçambicanas. E essa fragrância literária pode ser encontrada em muitas de suas obras, em especial, em *Ilha de Moçambique: A língua é o exílio do que sonhas*, publicada em nova edição, em 1999. na contracapa desta edição o poeta assina Virgílio Diogo de Lemos.

Tonalidades identitárias

O que se denominou, aqui, tonalidade identitária vai além das vivências ou visões “totalitárias”, passando pela tradicional discussão sobre as distinções acerca da identidade nacional, passando pela discussão sobre o lugar, no sentido dado por Tuan, desembocando nas águas poéticas e estratégicas da língua. O trabalho aqui apresentado intenta, a partir da interpretação de alguns poemas de Virgílio de Lemos contidos na obra mencionada há pouco, tocar (mesmo que “de leve”) na pele dessa base utópica da poesia virgiliana, para iluminar, em termos gerais, aspectos inerentes à diversidade poética do autor, trazendo para a discussão a relação entre identidade e diversidade, na trajetória artística desse poeta e jornalista que transformou sua poética nativa em poética universal, aproximando, portanto, o local do global.

Virgílio Diogo de Lemos, entendido por muitos como o pai da poesia lírica moçambicana, nasceu na Ilha de Ibo, em Moçambique, em 29 de novembro de 1929. Seus primeiros poemas principiaram em 1944-1948. No período entre 1947-1948, foi colaborador (e redator) do *Jornal da Mocidade Portuguesa*, de Moçambique, com seu irmão Eugenio de Lemos e Guilherme de Melo.

No dizer do também moçambicano Mia Couto, a poesia de Virgílio é “um índico”, por excelência. Referindo-se ao Oceano Índico, que banha seu país, o escritor afirma que a infância do poeta “se fez entre a onda e a duna, sua vida se forjou viagem entre impossíveis margens do mundo.” (Couto, 1999, p.15)

A vivência na Ilha de Ibo, na infância, de acordo com essa interpretação de Mia Couto, ficaria incrustada em sua poética. Continua o moçambicano, lembrando que a Moçambique de Virgílio vivia sob o domínio português:

O país que nos via nascer não havia ainda nascido. Antecipados estávamos à nação. Lutar pela identidade deu asas a outros mais ousados sonhos. Houvesse nação, história sedimentada, identidade fixada, e o tempo em que nascemos seria, quem sabe, menos propenso à poesia. Falo da poesia enquanto escrita, mas sobretudo enquanto vida. Falo da lógica poética como sistema de entendimento de outros e do mundo (Couto, 1999, p. 15).

Como Mia Couto, Virgílio nasceu em uma terra entregue à dominação colonial. Os jovens escritores e poetas subvertiam ideias “contrabandeavam culturas” (Couto, 1999). Viviam em um litoral que carrega múltiplas histórias, de árabes, negros, indianos, europeus, que, por sua vez, “criaram constelações em um único céu” (Couto, 1999). Segundo, ainda Mia Couto, ele e Virgílio, são “devedores dessa mestiçagem que nos inculcou o gosto da errância, uma vagabundagem que nasce do gosto de trocar corações, nessa troca, ir perdendo a alma” (Couto, 1999).

Os materiais da infância invadem os poemas, repletos de magia e invenção, pois o poeta vive entre a vida cotidiana, em tempo real e, simultaneamente, em um tempo que também inventa. Para Mia Couto,

[...] a própria nação moçambicana é ainda categoria ficcional. Virgílio participou da luta contra a dominação colonial. Como cidadão, procurava cidadania. Como poeta, subvertia a própria ideia de cidadania. Dividido enquanto ser, a estratégia de sua escrita não poderia ser outra senão a da dispersão. Virgílio se reparte em heterônimos (Couto, 1999, p. 16).

A heteronomia virgiliana é marcante e nos serve, aqui, para ratificar a afirmativa de que a “errância”, em vários sentidos, é uma de suas marcas. Seguindo as observações

de Mia Couto. sobre Virgílio, podemos afirmar que a “essência” de tal errância está centrada na vida e na escrita irrequieta desse artista que aprendeu a “vagabundear” e criar pessoas, mundos, imergir na luxúria das palavras e ações, em sua época, como reflete Mia Couto. Seguindo a poética pessoana, o poeta Virgílio de Lemos é um fingidor, em si mesmo, e inventa pessoas e mundos. Ortônimo ou heterônimo, o poeta irrequieto assusta, incomoda. E Virgílio provocava, de várias maneiras, desde a manutenção de um bigode surreal (simultaneamente) mantenedor de tradições lusitanas, quase à Dali, que chamava a atenção de seus amigos e leitores, a uma marcante sedução para conseguir o que almejava, em vários níveis da vida cotidiana, inclusive a amorosa. Dessa “sedução” sabem bem seus amigos e comentadores. Por habitar margens e centros, como os de Maputo, Comandatuba, Rio de Janeiro, Salvador, simultaneamente pôde ser autêntico, na contramão do politicamente correto, que costuma utilizar diversos ardis, para atingir suas metas, inclusive a mentira.

Ser vagabundo, marginal, aquele que vaga, viaja nas vagas do improvável e do proibido, faz desse fingidor, muitas vezes, um representante, ou mantenedor de verdades inauditas e (talvez por isso) malditas. Daí sua errância pessoal ser ainda mais impulsionada pelo exílio, que o fará transformar vagabundagem em ofício e/ou estratégia ficcional e de sobrevivência, em várias partes do mundo, com sede em Paris. E, sabe-se, Paris, como algumas outras grandes capitais da Europa e da América, abriga inúmeras ilhas culturais. Nela, a Cidade das Luzes, Virgílio ancorou o barco que, em Lourenço Marques, hoje Maputo, poderia ter naufragado por razão de sua própria morte, que teria ocorrido sob a rigidez das atitudes violentas da PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado, a polícia política de Portugal (1945 a 1969), responsável pela repressão política, durante o “Estado Novo” português. E essa repressão levou muitos dos “vagabundos”, os artistas execrados pela ditadura, à morte ou ao exílio.

Timbres “poiético” – identitários virgilianos

Mia Couto amplia suas reflexões sobre a biografia e sobre o ofício poético de Virgílio de Lemos, afirmando que

O seu nome, Virgílio, já veio carregado de história. Mas esse nome, mesmo mistificado, não lhe é suficiente. Ele se recria em outros nomes de poeta. A poesia que é seu barco de dispersão, autorizando múltiplas identidades. Ele vai criando seres para os nomes: Duarte Galvão, Bruno dos Reis, Lee-li Yang. Este homem é crioulo, não na língua, mas no coração. Uma parte da sua poesia se sacrifica e se converte em empenhamento: o livro de seu heterônimo Duarte Galvão chama-se Poema do tempo Presente. O título

é sintomático. A luta pela presença de outro tempo custou-lhe a prisão. Acusado de conspirar contra o regime fashista, Virgílio é atirado para a prisão onde experimenta a viagem por dentro de si mesmo (Lemos, 1999, p. 15).

Como afirma Mia Couto, Duarte Galvão é o heterônimo que escreve, mas quem vai preso é Virgílio. E, segundo, ainda, a visão do autor de *Terra Sonâmbula*, secretamente, prepara-se, no próprio interior de Virgílio, o fim desse heterônimo e o afastamento do teor mais explicitamente militante de sua poética. Mas, mesmo em seus poemas de inclinação aparentemente mais distante de uma estética centrada na militância, como nos contidos em *L'Obsene pensée d'Alice*, encontramos uma menção, direta ou indireta de uma visão crítica da realidade, do mundo circundante.

né dans la vagine du cobalt.
Nomade comme les sables.
Il a perdu la main.
l'île lointaine veille sur son destin
(Lemos, s.d.a., p. 32)².

Na aproximação de campos semânticos apenas aparentemente distantes inerentes à sexualidade e da questão identitária, o eu-lírico põe corpo e “alma” em um mesmo itinerário, em uma embarcação poética que carrega elementos trazidos de sua vivência insular, de sua natural abertura à diversidade. Nômade como as areias, a ilha remota vigia seu destino. A presença de um estado insular interior, para lembrar as reflexões de Mia Couto, amplia-se, ao longo de sua poesia “errante”, diaspórica, aventureira e não menos coerente com tal estado.

A relação entre nomadismo e o que Stuart Hall (2014) denomina diáspora é forte. Embora o nômade seja aquele que não tem paradeiro, não deixa de procurar e/ou encontrar terras prometidas ou “imarginadas”. O neologismo, aqui criado propositalmente, aproxima a ideia de ímã à imaginação e às marginalidades. O nômade é atraído por uma espécie de ímã cuja atração se concentra no desconhecido e/ ou na ânsia insaciável da busca (nem sempre do encontro) da utopia. A imaginação é o que fecunda, nesse caso, a busca. É o que cria possibilidades de trajetos e trajetórias. Além do ímã da busca e da imaginação criativa que desenha possibilidades de rota, está a identidade marginal do buscador, pois não se concentra. Ao se dispersar, na busca incessante, o nômade vive nas margens, enquanto ser diaspórico. Mas a condição

² Transcrição: Parido na vagina de cobalto./Nômade como as areias. / Ele perdeu o tino./A ilha remota vigia seu destino

do diaspórico pode não ser definitiva. Esse é o caso de Bauman, Hall, e Virgílio de Lemos (1999). No caso dos dois primeiros, a terra (não prometida?) encontrada foi a Inglaterra, já o poeta se acenta na França. Hall e Bauman encontram como terra de exílio o espaço para ampliarem suas carreiras.

A questão da diferença entre lugar e espaço, aqui surge, como já se disse, como importante elemento, remontando aos estudos de Tuan. No trato da poética e da biografia de Virgílio de Lemos, a problemática do lugar pode revelar outras nuances que, se se distanciam da relação com a perspectiva da experiência, comum às reflexões do geógrafo humanista Tuan, no que se relaciona com os sentidos humanos. E envereda-se pela perspectiva vivencial, em outros vieses. A “errância”, e não um lugar específico (um porto seguro), marca a relação de Virgílio com o seu lugar. Seu lugar, aqueles espaços em que há relação afetiva e psicológica com o sujeito, é múltiplo. Talvez se possa aprofundar, com base nas afirmativas de Mia Couto já citadas, que a identidade de Virgílio é constituída pela viagem, pela aventura, pela inquietude. E os elementos que impulsionaram tal errância estão em sua fase insular, marcantemente presente em *Ilha de Moçambique – A língua é o exílio do que sonhas*. Nessa obra poética, Virgílio dialoga e/ou utiliza como referência a obra de Luís de Camões. No próprio título da obra poética destacada, é evidente a ideia de exílio como ponto de provocação reflexiva, biográfica e poética.

A Ilha dos amores, capítulo importante da épica camoniana, funciona como elemento de apoio para reflexões que vão além dos problemas políticos, um olhar filosófico que acompanharia o poeta durante toda a vida. O que se sonha é o que está no difuso, no di-verso, no que escapa à marca da tradição nacionalista. O sonho (de lugar) está na língua e é por ela (ou nela) que o sonho trafega. A língua é o lugar (lar, ponto de chegada e partida do sonho, da utopia) e a estratégia que auxilia o poeta em sua interminável viagem “poiética”. A língua, portanto, por essa visada é o exílio e o auxílio dos sonhos.

Na topofilia biográfica e poética de Virgílio, para ser fiel ao amor à pátria, foi preciso trair o princípio das divisas nacionais. E isso, efetivamente, é o que ocorre com muitos dos exilados políticos, em inúmeros lugares do planeta. Não apenas a PIDE e os detratores dos rebeldes idealistas como Virgílio de Lemos. Não é difícil elencar artistas que, para manter o afeto ao seu lugar de origem, partiram para campos distantes, antes inimaginados e, de lá iniciaram caminho de acertos, na errância da expectativa de uma terra prometida. Se há terra prometida, essa é a própria Terra, o planeta. A insularidade de Virgílio, comentada por Américo Nunes em “Gênese dos poemas da Ilha de Moçambique” (Nunes, 1999, p. 7-8), marca-se, além, pelos heterônimos, que são, em realidade, uma península poético-biográfica, cercada por Virgílios por todos os lados. Segundo Nunes,

A poesia de Virgílio de Lemos, sendo a dicotomia ilha-mar, mais ilha que mar, um vai e vem permanente entre isolamento e abertura. Mas é, sobretudo, ‘movimento’, diálogo com o Outro – diálogo com os textos que leu e mais o pressionaram – com a música que estudou e o fez vibrar – com a pintura e as cores, com a própria musicalidade e luz que ele cria (Nunes, 1999, p. 7).

Mesmo em suas instâncias poéticas ortônimas (em que o poeta assume a “auto-ria” e não a transfere para o poeta criado por ele), Virgílio dialoga, e certa maneira “incorporando” outras vozes poéticas, como acontece na obra virgiliana aqui destacada, com Camões. E a marca dessa “incorporação” poética, ou mais ainda poiética (tomando o termo grego *poiesis*, em sua acepção de criatividade), é a intertextualidade. Os versos de Virgílio podem facilitar que se ratifique a presente afirmativa.

No poema “Entre o teu olho e o meu olhar”, Virgílio dialoga com Camões. E o jogo imagístico centrado no fato de que Camões só possuía um olho ressalta a força do diálogo, já no título e se amplia ao dividir com o poeta português suas angústias, propondo que o mesmo vê menos o exterior, que o que embebe em sua melancolia.

O teu olho Luís embebido de tristeza
vê a bruma carregada de melancolia
Virgílio e o mar de sua fantasia
O teu olhar é mais olho do que sente
que o visível exterior.

Outra menção ocorre também já desse o título, no poema “Ilha dos amores”. E a relação com a poesia camoniana serve como trampolim crítico. A ilha dos amores oculta ou abriga “a nau habitada por infernos, tumultos, espantos”:

A Ilha dos Amores é a casa dos mortos, a nau
habitada de infernos, tumultos, espantos, a gruta
dos fogos da alma e obsessões do corpo, culto
das rotas interiores. Solidão medo e fim [...]

O encanto com a composição camoniana serve de diálogo para suplantar o idílio e impor a crítica. Se é conhecida a relação dos autores moçambicanos com a obra camoniana. é forte, também, a importância dada a autores como o português Fernando Pessoa e o brasileiro João Cabral de Melo Neto, acentuadamente na obra poética de Virgílio de Lemos (1999):

na bruma, sol e sedas do teu corpo, silêncios
e gritos, inventário de mitos, a beleza em busca

de si mesma, confiante, inquieta, fulgurante e neutra
interrogando-se acoplada ao destino de ti. Sangue

O desejo transcende a destreza dos gestos, felino
desdobrava-se em impulsos e garras dos pés à cabeça
teu corpo de unhas e asas, convés dos sentidos

Na manhã azul, a morte lembra à vida, que o Eden
é efêmero, frágil a rede onde os peixes se perdem
entrelaçadas vozes, lábios na vertigem do nada.

A reflexão que emerge do poema tangencia instâncias filosóficas do heterônimo Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa. Ela se concentra na remissão ao nada, ou na “vertigem do nada”, no último verso do poema citado, se soma à presença permanente de metáforas inerentes ao corpo feminino e/ou a questões próximas da sensualidade, marca da maior parte da poética de Virgílio de Lemos. Para lembrar Américo Nunes, prefaciador da obra aqui tradada, está sempre presente a “metáfora mulher” (Nunes, 1999, p.7), ou a remissão direta ou indireta do corpo feminino e as possibilidades de criação de jogos “poiéticos” no campo semântico das relações sensuais e/ou sexuais. Para ratificar a afirmativa de que o corpo e as alusões ao corpo feminino servem de base para a criação de metáforas e alegorias, pode-se citar, mais uma vez, Américo Nunes, “o poeta viaja pelo corpo. E pelo corpo da memória” (Nunes, 1999, p. 8). Como se vê, amálgama de questões existencialistas e sensuais estão a serviço da reflexão filosófica, ou, em camadas subliminares, de propulsão crítico-política. Continuando ainda com Américo Nunes, acrescenta-se a dimensão universal:

A partir de 1956, nota-se que sua poesia reparte para outros voos, do esplendor do corpo telúrico, inscrito no mar índico e nos cosmos, nasce o corpo a corpo com a palavra. Fluxo do desejo e do fluxo interior da palavra, seus poemas das ilhas do Índico, ganham uma dimensão. Eles chamaram a atenção de Carmem Tindó Secco, na sua *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do séc. XX*, UFRJ, 1999, UFRJ (Nunes, 1999, p. 8).

No corpo a corpo com a palavra, para retomar o texto lúcido de Nunes, Virgílio exercita lições por ele apreciadas advindas do brasileiro João Cabral de Melo Neto, que passaram a ser denominadas metapoemas. Mas a lição cabralina parece ter sido trabalhada por Virgílio, apenas pela sua feição da metalinguagem, característica do poema “Catarrhal”, “O Arquiteto” e “O Engenheiro”. Afirma-se isso, baseando tal afirmativa, na presença já citada das instâncias filosóficas pessoanas. A palavra é o reservatório denotativo que serve para o salto das conotações marcantes da língua como “exílio do que sonhas”. A palavra incorpora a vida, mas não é ela em si mesma.

A eroticidade que lhe dá alma está na pele da palavra, mas no corpo utopia. A utopia é um selo que se estampa na base filosófica da poética virgiliana.

O lugar de Virgílio, para retomar a discussão inicial do artigo, está centrado na viagem, na errância, finalmente, no verbo navegar, na substantiva utopia de ir além do dado, ou mesmo das apostas no conhecido. Se a dor do exílio é um motor, a palavra é o veículo do exílio dos sonhos, mas paradoxalmente o lugar escolhido pelo eu-lírico para sobre-viver.

Reflexões finais

Durante o desenvolvimento do artigo, a questão das identidades foram tomando tonalidades diferenciadas, aproximando a questão sociológica das identidades da problemática do lugar, estudada pela geografia humana e, por fim, da capacidade “poiética” de Virgílio de Lemos de aproximar, intuitivamente ou propositadamente, tais questões ao trazer em seu auxílio nuances aparentemente distantes das poéticas de João Cabral de Melo Neto e Fernando Pessoa. Esse auxílio, que aproxima a metapoética cabralina da reflexão ontológica caeiro-pessoana. Tal auxílio serve de “porto” de partida para pensar nas identidades citadas que propiciaram as discussões sobre o tema por parte de autores conhecidos, na contemporaneidade, Stuart Hall, Zigmunt Bauman e Benedict Anderson. Das identidades no mundo contemporâneo, marcadas pela negociação, pela desconstrução da tradição centrada nas identidades nacionais e pelo entendimento de que as identidades devem ser entendidas como marcas das “comunidades imaginadas”.

Às reflexões acerca da identidade, projetando as discussões para momentos distantes do atual pós-modernismo, foi adicionada à problemática do lugar, conforme o estudou o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. Como se disse, ao longo do texto, Tuan diferencia lugar de espaço. Um lugar, para efetivamente sê-lo, deve ser um espaço em que o indivíduo mantenha uma relação de afeto, portanto psicológica. Embora Virgílio de Lemos tenha vivido e escrito sob as instâncias da truculência da PIDE e, motivado pela vigência da ditadura, tenha-se exilado, seu lugar, seu espaço maior de afeto, permaneceu em sua memória e em seus textos. Se a questão da identidade nacional se esvai, nas veias biográficas e poéticas desse moçambicano tornado diaspórico, como Bauman, Hal, dentre outros, a marca de seu lugar caminhará para sempre. A Ilha do Ibo torna-se um continente poético inesgotável. E essa condição de ilhéu, ligado fundamentalmente ao mar, o aproxima, na obra poética escolhida, aqui, de poetas como Camões, Fernando Pessoa e João Cabral de Melo Neto. Navegar torna-se verbo-verso, para travessias “poiéticas” inesperadas, na criação de “metáforas-corpo” que se tornam veículo de uma utopia que o torna navegante, como o Camões de *Os Lusíadas* e Fernando Pessoa, de *Mensagem* (sem olvidar seus heterônimos, marcadamente, Alberto Caieiro). Mas as travessias têm como bússola

a capacidade metapoética virgiliana, que o aproxima do “Engenheiro” “andaluz-brasileiro” das palavras, João Cabral de Melo Neto.

Finalmente, afirma-se, neste artigo, que ele é permeado por tonalidades identitárias múltiplas e/ou simultâneas, que trabalham com temas como as identidades, o lugar e a língua. Se a língua é o exílio do que sonhas, é paradoxalmente, a nave que, pela utopia, leva eterna-a-mente para o sonho (utopia).

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COUTO, Mia. II Prefácio. In: LEMOS, Virgílio de. *Eróticos Moçambicanos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 1999. p. 15-17.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LEMOS, Virgílio de. *Eróticos moçambicanos*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 1999.

LEMOS, Virgílio de. *L’Obsene pensée D’Alice*. Paris: Éditions La Diference, s.d.a.

MARÂNDOLA Jr, Eduardo. Prefácio. In: TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. p. 7-11.

JORNAL NEXO. *Alejandro Chacoff*. 1 fev. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/estante/favoritos/2020/5-livros-para-conhecer-a-literatura-diasp%C3%B3rica>. Acesso em: 25 maio 2023.

NUNES, Américo. Gênese dos poemas da Ilha de Moçambique. In: LEMOS, Virgílio. *Ilha de Moçambique: a língua é o exílio do que sonhas*. Maputo: AMOLP, 1999. p. 7-8.

SCHWARZ, Lília Moritz. Imaginar pe difícil, porém, necessário. In: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9-17.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Idemburgo Pereira Frazão é doutor em Literatura Comparada (UFRJ). Mestre em Literatura Brasileira (UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Literatura das Margens. Professor Literatura Brasileira. Temas principais pesquisados: Identidades, culturas, marginalidades; crônica; carnaval; música; rádio; teatro e cultura da Baixada Fluminense. Autores: Lima Barreto; Machado de Assis; Cyro dos Anjos; Carolina Maria de Jesus; Joel Rufino dos Santos; Conceição Evaristo, Solano Trindade e Moduan Matus. Autor de: Lima Barreto: diálogos marginais e identidades periféricas; Literatura de Amanuenses: Burocracia e imaginação em Machado de Assis, Lima Barreto e Cyro dos Anjos; Entrelinhas: Burocracia e imaginação nos romances de Cyro dos anjos; A poética identitária de Moduan Matus – a Gização e a Arte Baixadense. Livros de poemas: “Te-sendo”; “O livro das figuras”, “Maná-ós”, entre outros; e de inúmeros artigos acadêmicos. Co-autoria: “Clementina Cadê Você (FUNARTE)”; “Cantos da Memória: Cultura, identidade e memória em Ipiabas e Conservatória”; “Nas trilhas das identidades, no território das Margens”; (Org.); Cultura e identidades: (Des-caminhos das Margens), dentre outras. Escritor, poeta, cronista, Arte-educador, cantor, compositor, instrumentista, é também conhecido como Guinho Frazão.